



REPAM
RED ECLESIAL PANAMAZÓNICA
fuentes de vida en el corazón de la Iglesia

CESTA AMAZÓNICA ECOSISTEMA



RED ECLESIAL PANAMAZÓNICA
fuentes de vida en el corazón de la Iglesia



REPAM
RED ECLESIAL PANAMAZÓNICA
fuentes de vida en el corazón de la Iglesia

CESTA AMAZÔNICA ECOSISTEMA

RED ECLESIAL PANAMAZÓNICA
fuentes de vida en el corazón de la Iglesia

Apresentação

O QUE É A CESTA AMAZÔNICA?

A Cesta Amazônica é uma caixa que contém ferramentas que estão sendo colocadas à disposição, como insumos, para os agentes de pastoral que se encontrem no território amazônico e que possam necessitar de materiais simples para uma vinculação mais efetiva entre sua atividade evangelizadora e seu papel ativo na sociedade. Essa é uma iniciativa construída coletivamente para a transformação pastoral, a partir de experiências e materiais valiosos, além de servir para o aprofundamento e para a reflexão em torno de temas prioritários para a compreensão da realidade.

Objetivo geral

- Acompanhar agentes pastorais e suas comunidades, nos lugares mais variados da Pan-Amazônia

Objetivos específicos

- Aplicar uma articulação ativa para a construção de uma Igreja irmã e próxima das necessidades da realidade local, mas com consciência integral da região Pan-Amazônica e seus desafios atuais.
- Contribuir com insumos para os agentes pastorais a fim de construir ou atualizar planos da pastoral em suas comunidades o actualizar planes de pastoral en sus comunidades
- Adaptar os conteúdos de formação pastoral aos contextos e às necessidades dos respectivos territórios.

Agradecimentos

O presente módulo foi elaborado graças a um exercício coletivo de colaboradores da 'Red Eclesial Panamazónica (REPAM)'.

Agradecemos em especial às pessoas que colocaram todo o seu esforço e experiência nos conteúdos deste módulo:

Henry Yasmani Fuentes Solis.
Juan Francisco Almendra Velasco.
Inés María Ochoa Núñez.
Nany Meléndez Palomino.
Martha Cecilia Torres Tangua.

Conteúdo introdutório



MEU TERRITÓRIO “FONTE DE VIDA”

O território é um espaço onde todo ser vivente compartilha a existência tendo presente que não habitam nossos antepassados que moram junto de nós não hoje com as descendências em um eterno presente que revela o passado e projeta o futuro da presente e das gerações futuras.

O território se define a partir da cosmovisão de cada povo ou comunidade que o habita, tendo presente que essa cosmovisão o cultura se desenvolve de acordo com o ecossistema que há no território (savana, selva, montanha, cordilheira, deserto, pântanos, costas entre outros). Os territórios demarcados a partir da espiritualidade própria de cada povo permite a conexão com os lugares sagrados, o cosmos os quais têm comunicação com os donos espirituais do território. Toda a relação com o território permite definir ações às pessoas de acordo com a realidade do local, determinando formas de interação mútua diante de distintas realidades que surja, gerando regras de convivência no entorno (social, econômico, político e cultural).

1 TERRITÓRIO

- * IDIOMA MATERNO.
- * EDUCAÇÃO TRADICIONAL SOBRE O TERRITÓRIO. – ARTE-SANATOS
- * LEIS PROTEÇÃO DO TERRITÓRIO
- * DESTERRITORIALIZAÇÃO.
- * ECOSSISTEMA.- CALENDÁRIO TRADICIONAL.- TRABALHOS COMUNITÁRIOS.-TÉCNICAS DE PRODUÇÃO.
- * SAÚDE.



É um mecanismos de comunicação natural que se desenvolve a partir da família, através dela são transmitidos os valores, o pensamento, sentimentos e identidade de acordo com o contexto cultural e geográfico, facilitando a utilização de Signos e símbolos de comunicação com relação à natureza.

Falar de comunicação é falar de culturas, e se falamos de culturas é falar de diferenças de relações, de percepções e da fala. Não se pode compreender a comunicação sem compreender os processos históricos, sociais, econômicos, políticos e culturais, toda vez que este componente atravessa toda relação e construção social. Nesta diversidade cultural, inscrevem-se os povos e nacionalidades indígenas como sociedades diversas.

Para os povos indígenas, a comunicação constituiu, e constitui, uma parte essencial no processo de formação da cultura. Do conjunto de formas de comunicação criadas a partir dos povos indígenas, a fala foi a mais importante e, a partir disso, se configuraram outras formas de comunicação, como são os desenhos, as cerâmicas e os tecidos.

A comunicação a partir da cosmovisão e cultura dos povos indígenas tem uma estreita relação com seu entorno, ou seja, entende-se a comunicação em uma relação constante com a Pacha Mama; esta relação se dá através dos rituais para a colheita e a semeadura com as concentrações comunitárias, pelo uso dos instrumentos próprio de alertas e chamados como é o chamado através da concha de caracol, manguaré, buzinas, as pedras, rondador, pingullo e outros instrumentos.

Além dessa relação intrínseca com seu entorno, a comunicação no mundo indígena é concebida como esse espaço vivo de sequências que se concretizam na transmissão, intercâmbio, re-generação de conhecimentos ancestrais e atuais, como uma 'herança oral' viva da sabedoria acumulada dos antepassados. A comunicação é uma prática social cotidiana e milenar dos povos indígenas que é fundamental para a

convivência harmônica entre os seres humanos e a natureza; a comunicação tem como fundamento a ética e uma espiritualidade no qual os conteúdos, os sentimentos e os valores são essenciais. Então, por um lado os povos indígenas vivem a comunicação como um fato cotidiano de seres humanos, enquanto a sociedade moderna não pode entender a comunicação fora dos meios.

Este contraste se entende principalmente na época moderna, onde os meios estão por substituir a comunicação pessoal, já que a oralidade é e foi uma das práticas que se deram em toda cultura, seja esta ocidental, oriental, Abya Yala etc. É na atualidade em que os meios vêm a ser para os povos indígenas instrumentos que facilitam essa comunicação.

Para os povos e nacionalidades da Amazônia, a comunicação tem outras dimensões, que vão muito além do linguístico; os sábios e sábias nas línguas são os especialistas em comunicar com 'outras realidades' ou outras dimensões da realidade de diferentes maneiras, quicá o mais conhecido é tomar ayahuasca (santo daime) ou yagé, considerada sagrada e utilizado principalmente para possibilitar a comunicação com as forças espirituais da selva, e como tal pode entender-se como uma língua ritual empregada principalmente para a realização de curas. Ao denominar esta língua 'sagrada', quer-se dizer que a ela encerra um conjunto de saberes, uma visão do mundo a partir da qual os sábios constroem sua experiência com o mundo natural, social e espiritual, assim como de dar sentido às relações entre os seres humanos e as entidades e forças não visíveis o intangíveis.

A interpretação dos sonhos é um elemento importante comunicativo dentro do conhecimento de povos amazônicos. Estes pressagiam o que sucederá no curto prazo, com o que devem ser comunicados ou consultados com os mais velhos. Ao redor do sonho, constrói-se um espaço de encontro e de comunicação que se retroalimentam com a realidade do mundo indígena.

A comunicação entendida no mundo andino como se anotou acima, assim como a comunicação mais especificamente nos povos amazônicos, apesar das pequenas diferenças de formas, finalmente converge em uma relação íntima com os mundos que compõem a pacha mama – madre tierra.

A comunicação é e foram as formas mais eficazes que permitia aos povos indígenas transmitir o conhecimento ancestral de geração a geração, como uma forma de garantir a continuidade da cultura.

Neste contexto, a comunicação indígena pode ser entendida como a acumulação e manifestação vivencial das relações entre coletividades de seres humanos, e deles com seu entorno natural e cômico. Constitui então essa ponte que permite a aproximação ao outro, para encontrar-se, para descobrir-se para construir a reciprocidade.

Nossa vida no território

ECOSSISTEMA, CALENDÁRIO TRADICIONAL, TRABALHOS COMUNITÁRIOS, TÉCNICAS DE PRODUÇÃO

Objetivo específico

Fortalecer o sistema de produção a partir dos trabalhos comunitários com relação ao ecossistema e ao calendário ecológico.

Conteúdo transversal

Conversa sobre a perda das sementes nativas por causa da presença de sementes transgênicas e do uso de adubos químicos em nossos territórios.

Nossa vida no território gira em torno do calendário ecológico que permite realizar atividades que ajudem o equilíbrio do ecossistema e que serve para a sobrevivência e permanência, assim como a dinamização sociocultural dos povos e comunidades.



Os povos indígenas podem dar respostas à insegurança alimentar e aos desafios da mudança climática.

Constituem só 5 por cento da população mundial, no entanto os povos indígenas são os guardiões essenciais do meio ambiente. Os territórios indígenas tradicionais abrangem 22 por cento da superfície terrestre do mundo, mas 80 por cento da biodiversidade do planeta.

Um terço das florestas do mundo, cruciais para reduzir as emissões de carbono, são geridos principalmente por povos indígenas, famílias, comunidades e agricultores. Os alimentos cultivados pelos indígenas são particularmente nutritivos. Além disso, são resistentes ao clima e se adaptam muito bem ao ambiente, o que os converte em uma boa fonte de nutrientes em zonas com climas difíceis.

Suas formas e meios de vida podem nos ensinar muito sobre a conservação dos recursos naturais, o cultivo sustentável de alimentos e a vida em harmonia com a natureza. Reavivar estes conhecimentos que têm sua origem em um patrimônio e legado histórico é essencial para fazer frente às metas às quais se enfrentam a alimentação e a agricultura hoje em dia e no futuro.

Eis aqui seis das muitas maneiras em que os povos indígenas ajudam a lutar contra a mudança climática:

1. Suas práticas agrícolas são resilientes à mudança climática.

Ao longo dos séculos, os povos indígenas têm desenvolvido técnicas agrícolas que se adaptam a entornos extremos, como as grandes alturas dos Andes, nos desertos das costas peruanas ou o frio extremo do Sul do Chile. Estas técnicas postas à prova do tempo, como a criação de terraços, que detêm a erosão do solo, ou os jardins flutuantes, que fazem

uso de campos inundados, significa que os povos indígenas têm construído sistemas que são apropriados para os cada vez mais intensos fenômenos meteorológicos e mudanças de temperatura que implicam a mudança climática.

2. Conservam e restauram as florestas e os recursos naturais

Os povos indígenas se sentem conectados com a natureza e se sentem como parte do sistema no qual vivem. Os recursos naturais são considerados como uma propriedade compartilhada e são respeitados como tal. Mediante a proteção dos recursos naturais, como as florestas e rios, muitas comunidades indígenas ajudam a mitigar os efeitos da mudança climática.

3. Os alimentos autóctones ampliam e diversificam as dietas.

Atualmente, o mundo depende em grande medida de um pequeno conjunto de cultivos básicos. O trigo, o arroz, as batatas e o milho representam 50 por cento das calorias que consumimos diariamente. com cultivos nativos com alto conteúdo de nutrientes, como a quinoa, a oca e a moringa, os sistemas alimentares dos povos indígenas podem ajudar ao resto da humanidade a ampliar sua limitada base alimentar.

4. Os alimentos autóctones são resistentes à mudança climática

Muitos povos indígenas vivem em entornos extremos e, por isso, optam por cultivos que se adaptam a essas condições. Os povos indígenas frequentemente cultivam espécies nativas que se adéquam melhor aos contextos locais e são mais resistentes às secas, à altitude, às inundações ou a outras condições extremas.

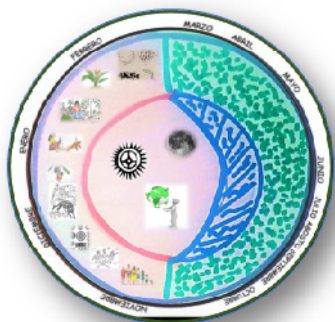
Mais amplamente estendidos na agricultura, estes cultivos podem contribuir para aumentar a resistência das produções agrícolas, fazendo frente a um clima cada vez mais modificando nestes tempos.

5. Os territórios indígenas possuem 80 por cento da biodiversidade do mundo

A conservação da biodiversidade é essencial para a segurança alimentar e para a nutrição. O patrimônio da grande variedade de sementes nativas e de espécies animais se encontra em florestas, rios, lagos e pastos. Ao viver uma vida natural sustentável, os povos indígenas preservam estes ambientes, o que ajuda a manter a biodiversidade das plantas e os animais na natureza.

6. Os estilos de vida dos povos indígenas se adaptam aos espaços que habitam e são respeitosos com os recursos naturais

Os povos indígenas adaptaram suas formas de vida para adaptar-se e respeitar seu meio ambiente. Nas montanhas, os sistemas criados pelos povos indígenas conservam o solo, reduzem a erosão, conservam a água e conseguem reduzir o risco de desastres. Nas pastagens, as comunidades de pastores indígenas administram o pastoreio de gado e o cultivo de forma sustentável para que as pradarias preservem sua biodiversidade. Na Amazônia, os ecossistemas melhoram quando os indígenas os habitam.



A FAO considera os povos indígenas sócios valiosíssimos na luta pela erradicação da fome e na busca de soluções à mudança climática. Nunca vamos conseguir soluções a longo prazo para a mudança climática nem conseguiremos a segurança alimentar e uma melhor nutrição sem sua ajuda; tampouco o conseguiremos se não garantirmos seus direitos como povos.

MOTIVAÇÃO

Fazer gráfico do calendário ecológico de acordo com o território, localizando diferentes atividades que se realizam na comunidade, levando em conta a fauna e a flora.

VER

Informar-se sobre atividades culturais que se realizam no território, mediante o diálogo com os mais velhos ou sabedores da comunidade para determinar que classes de atividades culturais se realizavam e quais estão vigentes.

JULGAR (REFLEXÃO - DISCERNIMENTO)

Visualizar imagens do território que contenham atividades que se desenvolvem no mesmo.



Iluminação cultural

Relatar um mito relacionado à frutificação de acordo com o território onde se reflete o ecossistema, a agricultura e o calendário ecológico.

Conhecer personagens mitológicos.



MITO SOBRE O FOGO – POVO HUITOTO

Há muitíssimos anos, quando havia pouca gente sobre a terra, não existia o fogo, razão pela qual os primeiros habitantes tinham muitos problemas, como por exemplo, não poder cozinhar, não poder sair de noite para caçar nem pescar, porque não viam os caminhos por onde se deslocavam e tropeçavam com tudo o que se encontravam na sua passagem.

A raiz desta situação, um dos velhos da tribo chamou seu compadre “Fisido” -que em língua Huitoto significa beija-flor ou colibri- ao qual lhe expôs a situação.

Fisido comentou que ele conhecia o velho dono da vela, mas ele não queria dá-la a ninguém porque, segundo ele, não a mereciam.

Como Fisido sabia onde se encontrava, teve que arranjar uma forma para poder ir lá sem despertar suspeitas, já que o velho era tão astuto como uma raposa.

Então, transformou-se em um coco pequeno como fruto da palma de chambira, deixou-se cair no rio, e deixando-se levar pela corrente recorreu toda a selva até que chegou à maloca onde vivia o velho cuidando muito bem da vela, em companhia de uma neta.

Quando chegou à frente dela Fisido, convertido em coco, retomou a forma original de beija-flor que era e começou a lutar para não se afogar, como estratégia para que a jovem o visse e o resgatasse, o qual efetivamente sucedeu: quando ela o viu afogando-se, o tirou da água, foi e o mostrou ao velho, pedindo-lhe permissão para tê-lo na maloca.

O truque estava funcionando, como estava molhado, por insinuação do avô a menina o colocou próximo do fogo para que se aquecer e se secar, não deixando de observar o fogo para que não sucedesse nada lamentável.

Como a neta estava pendente, o velho se descuidou um pouco, e deitando-se na rede para cantar e descansar, foi ficando adormecido, enquanto Fisido não tirava o olho de cima.

Como o notou adormecido, começou a tragar-se fogo. Quando ficou cheio e seco, empreendeu o voo. Quando o velho despertou e se deu conta do engano, aborreceu-se e saiu atrás dele. Como era uma ave tão diminuta e veloz, perdeu-se rapidamente entre a selva.

Voou todo o dia entre lianas, árvores e ramos, levando dentro de seu corpo os tições acesos.

Ao entardecer, chegou onde o compadre ao qual lhe disse: “Aqui lhes trago a vela” e começou a vomitar os tições, os quais eram recolhidos pelas pessoas e os sopravam misturados com a lã do ninho de uma formiga chamada “raya”, a qual arde muito, nascendo ali o fogo ou vela que mudou a vida dos huitotos porque, já havia luz e calor para fazer muitas coisas que antes não se podiam fazer sem este elemento.

Daí nasceu a crença de que o colibri tem o pescoço vermelho pelas queimaduras que lhe produziu o fogo dos tições.

Iluminação Eclesial

*** Laudato sí. Nº 35:** Quando se analisa o impacto ambiental de qualquer iniciativa económica, costuma-se olhar para os seus efeitos no solo, na água e no ar, mas nem sempre se inclui um estudo cuidadoso do impacto na biodiversidade, como se a perda de algumas espécies ou de grupos animais ou vegetais fosse algo de pouca relevância. As estradas, os novos cultivos, as reservas, as barragens e

utras construções vão tomando posse dos habitats e, por vezes, fragmentam-nos de tal maneira que as populações de animais já não podem migrar nem mover-se livremente, pelo que algumas espécies correm o risco de extinção.

Existem alternativas que, pelo menos, mitigam o impacto destas obras, como a criação de corredores biológicos, mas são poucos os países em que se adverte este cuidado e prevenção.

Quando se explora comercialmente algumas espécies, nem sempre se estuda a sua modalidade de crescimento para evitar a sua diminuição excessiva e consequente desequilíbrio do ecossistema.

Instrumentum laboris N°50: Pois bem, para promover uma ecologia integral na vida de todos os dias da Amazônia, é preciso compreender também a noção de justiça e comunicação intergeracional, que inclui a transmissão da experiência ancestral, cosmologias, espiritualidades e teologias dos povos indígenas, em volta do cuidado da Casa Comum. [21] “Na luta devemos confiar na força de Deus, porque a criação é de Deus, porque Deus dá continuidade à obra. A luta de nossos antepassados para combater por estes rios, pelos nossos territórios, a fim de pelejar por um mundo melhor para nossos filhos”.

Iluminação Bíblica

Lucas8:5-8.

“O semeador saiu a semear. Enquanto lançava a semente, parte dela caiu à beira do caminho; foi pisada, e as aves do céu a comeram.

Parte dela caiu sobre pedras e, quando germinou, as plantas secaram, porque não havia umidade.

Outra parte caiu entre espinhos, que cresceram com ela e sufocaram as plantas.

Outra ainda caiu em boa terra. Cresceu e deu boa colheita, a cem por um”. Tendo dito isso, exclamou: “Aquele que tem ouvidos para ouvir, ouça! ”

ATUAR – COMPROMISSOS

Celebrar uma feira gastronômica-alimentos próprios.

Realizar integrações culturais.

Intercâmbio de sementes nativas.

Retomar datas culturais e significativas. (Exemplo: 19 de julho-recuperação do território para o povo MISAK, Colômbia, 2 de setembro- dia do caminho e identidade do povo indígena Achuar, Peru, 24 de junho-Intiraimi-festa do sol para povos indígenas andinos)

O que nos ensina o mito do colibri à comunidade hoje?

AVALIAR

Que técnicas de produção e ferramentas utilizamos em nosso território?

CONTEMPLAR - MINGA COMUNITÁRIA

Módulos da Cesta Amazônica:

1. Território:

- a. Língua materna e território: “Minha voz”
- b. Educação tradicional no território
- c. Leis de proteção do território: “Mandatos de Salvaguarda de Nossos Territórios”
- d. Desterritorialização: “Deslocamento forçado de povos ou comunidades de seus territórios”.
- e. Ecossistema – calendário tradicional – trabalhos comunitários – técnicas de produção: “Nossa vida no território”.
- f. Saúde: “O bem viver das nossas comunidades”

2. Espiritualidade:

- a. A espiritualidade fonte de vida
- b. Mitos: palavra sagrada que explica a essência da vida
- c. Ritos: “As celebrações rituais dinamizam e harmonizam a vida dos povos”
- d. Sinais, símbolos e pinturas – expressão da identidade cultural
- e. Cantando e dançando alegramos a vida
- f. Lugares e templos sagrados, espaços de defesa e proteção espiritual
- g. Tempo e espaço relação íntima e profunda com as realidades do ser humano
- h. O conhecimento ancestral fonte de saúde e vida
- i. Deus fala conosco nos sonhos
- j. Os valores resistência e projeção dos povos

3. Organização:

- a. Minha primeira organização (a família)
- b. A transmissão oral de nossas comunidades
- c. Governo de nossas comunidades
- d. Valorizando nossas leis comunitárias
- e. Os líderes, nossos orientadores
- f. Nossa relação com outros povos

4. Água e Pan-Amazônia

5. Biodiversidade na Pan-Amazônia

6. Evangelii Gaudium

a. Parte I

b. Parte II

7. Pastoral Itinerante

a. Parte I

b. Parte II

8. Doutrina Social da Igreja

a. Parte I

b. Parte II

9. Os megaprojetos e as atividades extrativistas na Pan-Amazônia

Para mais informações e acesso aos módulos, visite:

www.redamazonica.org



REPAM

RED ECLESIAL PANAMAZÓNICA

fuentes de vida en el corazón de la Iglesia



RED ECLESIAL PANAMAZÓNICA

fuentes de vida en el corazón de la Iglesia